

Obras de

JOSÉ MAURO DE VASCONCELOS

# ROSINHA

## MINHA CANOA



LER<sup>+</sup>  
PLANO NACIONAL  
DE LEITURA

booksmile

*Para Ciccilão Matarazzo*

# Explicação

Antigamente, quando escrevia, deixava entrever minha ternura, mas com muito medo. Queria que todos os meus romances cheirassem a sangue e viessem rotulados com o carimbo de: Machos pra Burro. Foi preciso que chegasse aos quarenta anos para perder todo o terror de minha ternura e derramar por minhas mãos que queimam de carinho (quase sempre sem ter ninguém para o receber) a simplicidade deste meu livro. Leia-o quem quiser. De uma coisa estou certo: não tenho nada de que me desculpar perante o público. Apresento, pois,

ROSINHA, MINHA CANOA

# ÍNDICE

## PRIMEIRA PARTE OS VEGETAIS

Primeiro capítulo: Conversa de amor	11
Segundo capítulo: A história de um homem simples	18
Terceiro capítulo: Olhos vegetais	35
Quarto capítulo: A noite macia	87
Quinto capítulo: Um rio de Jesus Cristo	102
Sexto capítulo: Um par de tamancos brancos	126
Sétimo capítulo: Cantiga da velhice	153

## SEGUNDA PARTE ROSINHA, MEU AMOR

Primeiro capítulo: Noites sem cantiga	157
Segundo capítulo: Urupianga, a lei da selva	170
Terceiro capítulo: A canção de Maria Antônia	187
Quarto capítulo: Calamantã	206
Quinto capítulo: Retorno ao desencanto	224
Último capítulo: Rosinha, meu amor	239

# PRIMEIRA PARTE

Os vegetais



## PRIMEIRO CAPÍTULO

# Conversa de amor

Sempre acontecia assim: Zé Orocó sorria porque acabava de lembrar que a vida era *pai-d'égua* de bonita.

Foi por isso que o remo deu um chape-chape tão suave que a água do rio quase virou música e a canoa deslizou macia como se voasse.

O Sol morno e sonolento escondia-se nas nuvens e começava a descer rebocando a tarde. Jaburu, na praia branca do rio, conversava uma eternidade de silêncio, caminhando de lá para cá e, voltando as pernas longas, retornava ao ponto de partida. Bicho tão feio e desengonçado ao caminhar, no voo não havia ninguém que lhe tivesse a elegância.

Veio um vento friinho, friinho, que lhe arrepiou as costas sem camisa. Mas até aquilo era bom. Anunciava a grandeza do frio do verão.

Zé Orocó sorriu mais largo. Pensava nas noites em volta da fogueira, nas línguas vermelhas das chamas correndo a lenha seca; no mundão de estrelas que estavam ali bem perto; em escutar a conversa de gente; no corpo cansado do ardor do sol, dormindo encolhido nas cobertas fininhas, tentando tapear o frio que encompridava a noite.

Mês de abril *tava no fim*. Chuva grande, só no outro ano. Talvez ainda caíssem umas pingadas ligeiras. Talvez uma chuva de um dia ainda aparecesse, mas mais que isso era improvável.

Fitou o rio que, de subida, só homem macho pra burro se aventurava, enfiando, quando dava pé, a zinga comprida que calejava a mão ou o remo que zunia de tanta força, fazendo o coração baforar sangue, pulando. Era cada estirão de dar medo. A luz do dia suspendia as árvores da selva, ao longe, como se toda a plantação estivesse no céu em vez de estar na terra.

O vento frio, de novo. Deu um empurrão na zinga e comentou com Deus:

— Boa tarde, verão bonito, que vem chegando com tanta ternura.

E como Deus só sorrisse, sem responder, continuou remando.

Esqueceu a paisagem e voltou a cismar sobre o que estava acontecendo.

Dentro de três dias chegaria à Barreira de Pedra. Por que teriam mandado aquele recado? Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.



— Que é que foi, Andedura?

Andedura sungou a canoa na areia.

— Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, porque ele tem uma mala cheia de ropa e ôtra cheia de munto remédio.

— E que é que ele quer comigo?

— Sei não.

Andedura tirou uma palha de milho do bolso da calça e começou a picar o fumo de rolo na palma da mão.

— Qués um *sinharu*?

— Não gosto muito desse rebenta-peito.

O índio ficou espiando a variedade de peixe secando ao sol e se acorou por um momento, soltando largas baforadas e apreciando com os olhos miúdos a beleza da tarde. Depois, quando acabou, tirou a roupa, mergulhou na água morna, sacudiu os cabelos longos, voltou a vestir-se, e dessa vez sentou-se mesmo junto de Zé Orocó. *Amigo bão* 'tava aí! Amigo de tudo quanto era índio: fosse carajá, fosse javaé. Diziam que Zé Orocó até quando ia ao Xingu fazia amizade com tudo quanto era raça de índio esquisito. Desde os camaiurás até os de beijo grande e de nome difícil: txucarramãe. Que, no fim das contas, nada mais era que caiapó beijudo.

— Tu vai?

O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau pressentimento.

— Como é que é o homem?

— Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num

guenta «mororã» porque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; 'tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangolô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano...

Feito o retrato, o índio descansou, esperando nova pergunta.

— Que foi que veio fazer?

— Diz que tratá de gente. Cutucô tudo mundo de injeção. Deu que deu munto remédio. Minino! inté veio mesmu botô bicha... Gente de maleita 'tá inté curano frio depressa...

— Como é que ele soube de mim?

— Foi ansim. Vinha gente, o dotô tratava. Perguntava: Farta mais? Vinha mais gente: Farta mais?... Inté que dissero que fartava ocê. Cumu eu vinha de viagem pediro pra te prucurá. Pronto, te dei recado.

— Sendo assim...

Zé Orocó coçou os cabelos ondulados e bastante crescidos. O branco já instalara sua morada em sua cabeça, em toda ela.

— Andedura, tu come mais eu, hoje?

— Vô inté posá aqui. Ansim nóis conversa munto.

— É mesmo. Faz tempão que a gente não se fala...

— Teu afiado Canari Sariuíá 'tá ficano um homem.

Andedura sorriu pensando no filho, já rapaz. Sentiu até, durante um minuto, saudades de casa.

— Vou te dar uma rapadura e anzol, pra tu levar pra ele, viu?

— Brigado.

Andedura foi buscar lenha na praia para fazer coivara e assar o peixe do jantar.

\* \* \*

Depois disso, já fazia três dias que Zé Orocó zingava rio acima e esperava, com mais três dias, já ter passado a barra do Rio das Mortes, cinco léguas acima de São Félix, e chegar à Barreira de Pedra na boquinha do amanhecer.

Perdido em seus pensamentos, Zé Orocó reparou, assustado, que a noite se aproximava, distraída e ligeira. Precisava procurar uma praia bem seca, na boca do vento da noite, para que este tocasse alguma muriçoca que ainda estivesse viva.

Zé Orocó lembrou-se *dela* e resolveu acabar com a briga. Fazia dois dias que *ela* emburrara e não trocava uma palavra com ele. E como sempre era a última a querer fazer as pazes, tocava a ele começar.

— "Tá bem na horinha da gente encostar, não é?"

Silêncio. Nada de resposta. Insistiu:

— Aquela praia lá é alta. Você gosta?"

Ela se dignou a responder:

— Xengo-delengo-tengo... Tanto faz.

Zé Orocó armou-se de mais paciência; exclamou:

— Credo! Você ultimamente anda com gênio ruim!...

Fica emburrada por qualquer coisa! Quando a gente fala nem liga...

— Xengo-delengo-tengo. Sou eu, não é? Eu quem tem a culpa de tudo. Por qualquer coisa você briga e discute e no fim ainda me xinga e bota a culpa.

Numa hora dessas, para que as coisas não piorassem, era melhor mesmo concordar e arranjar uma desculpa.

— É que ando meio nervoso com esse negócio do doutor...

— Xengo-delengo-tengo. Pois então precisa melhorar. Eu digo: vamos encostar na praia ali, você pega, vai encostar do outro lado. Só faz mesmo aquilo de que gosta...

— Prometo que vou tomar mais cuidado.

Fizeram uma pausa. A noite escurecia mais. Quase não se via a margem do rio e o branco da praia ia sumindo, sumindo...

Zé Orocó sorriu por dentro. Ela estava ficando mais mansa.

— Você acha que é melhor encostar onde?

— Xengo-delengo-tengo. Dê mais três remadas e o recanto é ótimo...

Então ele botou na voz todo o mel de todos os engenhos do Brasil.

— Você gosta de mim?

— Xengo-delengo-tengo. Gosto. E você?

— Eu adoro você.

— Xengo-delengo-tengo. Você está mentindo.

— Quer que eu jure? Pois bem. Juro pelas cinco chagas de São Francisco de Assis.

— Xengo-delengo-tengo. São Francisco de Assis só tinha quatro chagas.

— Tinha cinco. Uma grandona, no coração, que ninguém podia ver. E agora?

— Xengo-delengo-tengo. Se é assim, é bonito. Eu... eu... acredito.

Zé Orocó suspirou, aliviado. No céu, Tainá-kan, a estrela grande dos carajás, fazia um pequeno halo de frio, em torno do seu enorme brilho.

## SEGUNDO CAPÍTULO

# A história de um homem simples

Madrinha Flor suspendeu o cabelo, que caía em mechas sobre os olhos todas as vezes em que se debruçava sobre o fogão: ou para reavivar o fogo, colocando mais lenha, ou para remexer o caldo grosso na panela de ferro encardido.

E assim era, toda uma vida. Quando conseguia afastar-se, limpando as mãos na saia rodada, era para distribuir um sorriso ou uma palavra amiga. Pé de bondade brotara em sua alma. Naquele momento estava tão distraída, que cantava qualquer coisa: música sem letra ou letra sem significado algum.

Foi por isso que não viu quando Chico do Adeus entrou no rancho, sacudindo o chapéu molhado da chuva, a que também não prestara atenção.

— Diabo de chuva besta!...

Madrinha Flor voltou-se e sorriu. Olhou a grossa cortina que descia turva sobre o Rio Araguaia. Aí, pegou e tornou a sorrir.

— Cala a boca, Chico. É uma chuvinha bunita de logo e que passa num pisco.

— Que passa, passa. Mas ela vem danada sobre minhas costas desde que saí da porteira do Brejão.

Madrinha Flor falou com doçura:

— Um homão desse porte gritano de uma chuvinha tão macia. Lembre, home, que é a chuva que fais brotá o milho...

Encostou-se na porta e ficou vendo a cortina d'água derramando-se sobre o encrespado rio. Do outro lado uma canoa encolhida deslizava depressa. Podia ser um índio carajá. Podia ser um branco, também. Que bonito estava o rio! E muito mais bonitas iam ficar as árvores, quando a chuva passasse, deixando-lhes aquele verdor orvalhado. Tudo para Madrinha Flor era bonito. Fazia anos que emigrara para aquele ponto e ali ficara vivendo. Viera dos lados mais distantes do Maranhão. Gostara. Ficara. Ninguém por nada poderia tirá-la daquele pedaço de terra. Os anos mostravam as mesmas coisas para os seus olhos. Vinham a chuva, a febre e o mosquito. Chegavam o frio, a noite estrelada, o fogo dentro do rancho... e tudo aquilo tinha um novo encantamento, de cada vez. Mas fazia muito tempo, fazia. No rancho calejara as mãos dando boia para tropeiro, para vaqueiro, para quem quisesse comer do que tinha. E só.

Voltou para o fogão e sorriu de novo. Sua vida era justamente o contrário da vida de Chico do Adeus. O homem

tinha mania de viajar sem sair do seu canto. Quando aparecia uma revista velha, desbotada, manchada, com paisagens do mundo, Chico do Adeus espremia os olhos tentando soletrar o nome do lugar e decorar no coração o traçado de uma viagem. Assim, desse jeito, o velho vaqueiro tinha viajado pela praia de Copacabana, por Buenos Aires, pela Côte-d'Azur, pelo Alabama... Mas o lugar mais distante onde estivera fora mesmo Cabo Verde. Com certeza fora porque achara o nome bonito, porque, afinal, no retalho complicado de sua geografia, até um nome esquisito que lera na revista, pronunciando torto, *subway*, era um país lindo. E fossem dissuadi-lo de suas ideias malucas... e pronto! Briga de lado, faca de banda e ameaça de castrar todo mundo. Diversas vezes ele demonstrara o seu jeito de compreender o mundo. Mar era coisa que não existia mesmo. O máximo da coisa era o rio dividindo a terra. Rio, sabia que havia muito, mas mar!... Onde se viu uma besteirada daquelas? Um aguão absurdo cheio de sal? Só a gente besta podia acreditar naquilo. Como é que podia ser? Então não chovia nunca em cima do mar? E se chovesse, como é que o sal não se dissolvia? E se não chovesse, como é que o mar enchia sempre, conforme contavam?... Evidente se tornava que o mar devia ser um daqueles rios tão grandes, assim como o Amazonas, que os mariscadores contavam. Mas não viesse contar aquela *pataracoada* de mar cercando o mundo, cercando Cabo Verde ou *subway* e ainda por mal dos pecados dos outros, cheio de água salgada...

Mas, que ali estava um homem de coração bom, ah! isso estava!... E o pior era não poder, com aquela cabeça dura que nem moco-roró, sair do seu canto. Madrinha



Flor sabia e ninguém ignorava também que Chico do Adeus conhecia trinta léguas em todos os sentidos: norte, sul, leste e oeste. Depois, só aquela mania de dizer adeus aos sonhos... Foi por causa disso que se tornou Chico do Adeus. E foi bom porque ele não tinha mesmo outro nome. Aparecera ali como a semente que o vento traz, pequenininho e buchudo. Fora ficando, encorpan-do, fazendo de tudo; ficara homem; não se casara porque esperara sempre realizar uma viagem; tomara conta de gado e limpava campo para as grandes roças; manejava a vida toda o cabo do remo, a roda do laço. Fora ficando de cabelos brancos sem sair do seu cantinho, continuando a acenar a todos os seus sonhos.

Madrinha Flor sorriu, percebendo que Chico do Adeus acabava de deixar o rancho em direção do curral destrambelhado. A chuva se esgarçava no rio. Chuva linda! Mas Chico do Adeus era homem bom. No dia em que o doutor chegara, fora chamando todo mundo, e todo mundo apresentara uma mazela mais importante que a dos outros e, ainda por cima, cada qual empregara um modo mais choroso, mais lastimoso, de contar a miséria... Pois bem, quando chegara a vez de Chico do Adeus, ele tirara o chapéu e colocara na cabeça a mão direita, muito sem jeito, porque não sofria de nada. Nunca tivera dor de dente e sua cabeça era dura demais para doer. O diabo fora quando o doutor quisera fazer sua ficha.

— Seu nome?

— Chico do Adeus.

— Chico do Adeus de quê?

— Uai! Adeus do Adeus, só!

O doutor coçara a cabeça redonda. Eta Brasil grande e desconhecido!

— Idade?

— Sei não, siô...

— Mais ou menos.

Chico do Adeus quisera bancar o inteligente. Mas inteligência batia na dureza de pedra da sua cabeça e saía besteira na certa.

— *Maisomeno* nunca foi idade, dotô!...

Riram de lado, mas o doutor olhara seriamente, e todo mundo encabulara.

— Sente alguma coisa?

— Não, siô...

— Tem maleita?

— Não, siô...

— Dor de cabeça, dor no baço; teve doença venérea?

— Não, siô...

— Não sente então coisa alguma? Nunca esteve doente?...

— Devera, devera, dotô, fais uns quatro ano que eu quano mariscava pra seu Climero do Zuza, lá pras bandas do ôtro lado do rio que munta gente chama de Amargozinho, mas que eu descunfio que o nome é ôtro, eu tive uma baita... posso dizê, dotô?

— Sou médico. Estou aqui para isso. Diga.

— Num quereno fartá cum o respeito, mais eu tive uma espremeção baita de soltura. Acho que foi do moio de pimenta que a gente pois na sopa de cauda de jacaré cum banana crua...

O médico engoliu o riso.

— Bem. Mas agora... sente alguma coisa?

Bastiana do Brejão não se aguentou:

— Dotô, o sinhô 'tá perdeno espaço cum esse traste. Isso é tão maludo que inté a doença corre dele.

Chico do Adeus fuzilou:

— Sabe de uma coisa, dotô? Eu corri mais foi dela. Essa coisona aí sem jeito cum vóis de fêmea qui nunca encontrô macho deu em cima de mim qui num foi vida. Munta veis eu vinha carreteando o gado e ela 'tava lá na pinguela da Matroca, sentada em cima dos morão, cum as perna balançano, cum a saia alevantada, dano corrente de ar na aranha, pensano qui eu quiria quarquê coisa. Mais cumigo não, muié tem que sê gente e não essa melancia espetada em duas flecha...

— Cala a boca, mandraquero! Dotô, examine bem ele proque eu acho qui a piranha cumeu a divisão da metade dele...

Bastiana estava rubra das risadas.

O doutor falou energicamente para manter a moral:

— Calem a boca; preciso de silêncio para poder trabalhar.

Chico do Adeus estava ali em sua frente, humilde e esquecido do fato.

— Então o senhor não sente nada?

— Sinto, sim siô, desde minino.

— Diga.

— Vontade de viajá.

— Isso não é doença.

— Num é praquê o siô nunca sintiu...

— Homem, pelo amor de Deus, eu falo de dor, dor mesmo.

— Ah! Isso eu num sinto nada, não, graças a meu padrinho Sant’Antonio de Catingereba, que é o único santinho Antonio, preto que nem tisna de panela. O siô já ouviu falá nele?

Mas o doutor ficou meio caceteado e resolveu pôr termo àquilo.

— Moço, se o senhor não tem nada, por que veio me consultar?

— Num vim pedi consurta, não, dotô. Mais dissero que o siô quiria espiá todo mundo...

A chuva sumira lá na curva do rio. O Sol botou os olhões para fora de novo. Madrinha Flor olhou para o outro lado do rancho. O doutor dormia na sua rede mais nova, rede das visitas. Soltava cada ronco... comprido... Balançava o pé, batendo compassadamente no travão do rancho, mas continuava a dormir. Aquele sono danado devia ser motivado pelo calor, a que não estava acostumado; era muito branco e sua pele, muito delicada e alva, estava agora queimada de tanto apanhar sol quente. Ela também não conseguia compreender o doutor. Ele dissera que viera descendo o rio desde lá de cima, de Leopoldina. E que ali seria o último ponto de parada. Precisava, dentro de uma semana, virar o motor e retornar. O pior era que no ano seguinte voltaria pra ver o resultado. Só então continuaria a viagem, rio abaixo, dando novas consultas, fazendo novos exames... Ora, gente rica era esquisita mesmo!... Já que estava ali, por que não continuava rio abaixo, até Belém? Dizia que não tinha tempo... Ora... Qu’importava? Ele é que sabia da vida dele... Desconfiava era de que o homem estava com saudades de casa, isso

sim!... Da esposa e dos filhos... Na carteira dele havia um retrato da mulher, muito bem penteada, com os cabelos finos e bastante claros, cercada de um *punhão* de meninos e meninas bonitinhos, bonitinhos, todos de sapato e roupa nova, *cheirando* a coisa limpa.

Madrinha Flor botou o café para esquentar. Devia chamar o doutor, dar-lhe café, dizer-lhe que já eram quase quatro horas; ele que fosse fazer qualquer coisa, porque senão, de noite, ele se danaria a tagarelar, sem sono. E seria um fala que fala que não acabaria mais. Falava de coisas que muitas vezes nem entendia. Seus olhos ficavam ardendo de sono, com uma vontade doida de estirar-se na rede, mas ele nem desconfiava. Era *trau-trau* mais *trau-trau* de língua. Ele se esquecia de que manhãzinha, antes da madrugada, ela precisava de acordar os galos, examinar as galinhas, saber as que iam botar ovo e prendê-las, porque, caso contrário, os bichos comiam os ovos no mató.

O bule soltou o primeiro bafo de calor. Ela pegou a caneca velha e foi botando o café enquanto pensava: «Pena que nenhum motô que desce traga uns trem novo. Já encumendei muntas veis, mas é defíci o pessoar se alembrá sem o dinheiro na frente. Agora, se tivesse uma mobília bem branquinha, cuns desenho de oro, num percisava atendê o dotô, pessoa de tanta boa cerimônia, cuma caneca descascada...» Consolou-se. Afinal, ele sabia que ali nos fins do sertão do Araguaia, no meio da Ilha do Bananal, não podia encontrar o luxo da cidade nem a garantia de um hotel. Encaminhou-se para a rede. Chacoalhou o punho. A voz saiu-lhe suave:

— Dotô, um cafezinho.

O homem bocejou, abrindo os olhos como se visse tudo pela primeira vez. O vermelho do canto dos olhos demonstrava apenas preguiça e moleza. Meteu a mão por dentro da camisa aberta e coçou o peitão branco e cabeludo.

— Quano dá fé o siô prefere um chazinho de vinagrero...

— Não. Não, Madrinha Flor. O café é melhor. Tira o sono.

Sorveu a bebida econômica de açúcar e requeitada...

— O homem vem?

— Zé Orocó? Deve 'tá vino se Andedura deu recado. Numa hora dessas ele deve 'tá beirano a barrera do Piqui, em cima do Rio das Morte... O dotô num quer ir banhá?

— Acho que é bom. Quer me chamar o menino?

Madrinha Flor chegou até a porta do rancho e gritou para o lado do rio como se chamasse lá no infinito:

— Giribel!... Ô... Giribel!...

Num piscar d'olhos o moleque surgiu; veio correndo, lá da barranca. Os dentes eram duas praias arregaçadas. Numa das mãos trazia a vara de pesca e na outra uma feira de piranhas vermelhas que ainda chicoteavam reclamando vida.

— Pronto, madrinha.

— Prepara a canoa e vá na praia limpa dotro lado pro dotô se banhá.

Este continuava ainda sentado na rede branca, curtindo, como fumaça que some, o resto da enorme preguiça que o ambiente produzia. Seus olhos pesados foram

subindo pelas pernas grossas de Madrinha Flor. Descobriu que eram pernas fortes e benfeitas e pela primeira vez reparou que a mulher ainda devia ser nova. Subiu mais a vista e se fixou nas ancas roliças mal acomodadas numa saia grosseira. Sentiu dentro dele uma comichão meio incômoda e ao mesmo tempo gostosa...

A mulher virou-se:

— Giribel já foi caturá a canoa. 'Tá já de vorta.

Os olhos do doutor, disfarçadamente, observaram o resto. Madrinha Flor apanhou a caneca e foi em direção ao fogão. O homem então se levantou, espreguiçando-se. Abriu o malote, pegou o sabonete com a toalha... tornou a se espreguiçar, estalando uma porção de ossos ao mesmo tempo. Encostou-se na porta e fitou o rio, que machucava os olhos de tanta luminosidade. Foi de novo para o interior. Pelo pescoço descia outro filete d'água, que ia se encontrar com o molhado do peito, acumulando-se e vazando pela camisa.

— Eu gostaria de saber mais sobre o homem. Como é mesmo que ele se chama? Zé do quê?

— Zé Orocó.

Alguma coisa no fogo chiou gostoso e veio aquele cheiro forte de gordura resmungando.

— Como foi que ele veio parar aqui?

— Fais munto tempo. Eu inda era bem moça. Ele também. Tinha bem pôco rancho aqui na barrera de Pedra. Só me alembro que chegô um home qui era triste. Que diziam que morava na cidade. Foi ficano. Morô em munto lugar do rio, mais pro fim preferiu aqui mermo. Todo ano, isso 'té os dias de hoje, ele vai 'té lá em cima em

Leopardina pra buscá um dinheiro que mandam da cidade. Chamaro ele de Zé Orocó, e ele ficô seno Zé Orocó. É uma história munto simpres, dotô.

— Ninguém sabe do motivo por que ele veio para cá?

— Só Deus mermo. Pruque Zé Orocó num conta nada pra ninguém.

Madrinha Flor sorriu.

— Antes de ficá ansim cumo é hoje, eu tive um filho co'ele. Morreu benzinho ansim. — Com a mão esticou o tamanho do defunto no espaço.

O doutor apanhou um cigarro no bolso da calça e riscou um fósforo, acendendo-o. Voltou a fixar a mulher, com certa insistência. Por dentro se recriminava: «Arre, diabo, que minha eletricidade hoje está dando choque!»

— Faz tempo que ele começou a ficar assim?

— Pra falá a verdade, a gente inté perdeu a conta do tempo. Mais dêz que ele arranjà aquela mardita canoa, destrembelô.

— Ele costuma ficar bravo de vez em quando?

Madrinha Flor enxugou a mão na saia, fazendo, sem o querer, com que aparecesse um pedaço da perna forte, um pouco acima do joelho.

— Quá o quê? Ele sempre fala mansinho. Nunca se zanga. Criatura prestativa 'tá ali. Socorre tudo quanto é doente. Empresta suas arma pra quem pedi. Dá anzor, divide ropa... Só que...

— Que... o quê?

— De repente dá uma tristura nele que num caba mais. Num fala cum ninguém. Num come. Parece que num vê, num ove. É numa hora dessas que a gente fica



cum medo que dê um trovão no juízo dele e pronto, vá matano todo mundo. Só tem um jeito, então; ele pega a canoa e se some no mundo. Vai pescá nus lago, nus furo e passa às veis inté um meis sem dá as cara.

— E o negócio da canoa, é verdade mesmo?

— Eu nunca vi, mais tem gente que já escuitô.

Madrinha Flor silenciou por um momento, para depois continuar:

— Mais tudo que acuntece pelo rio a gente sabe e é Zé Orocó que vem contá. Se chueu no arto, se vai tê enchente grande, quando sobe cardume... Ele sabe de tudo.

— E como é que ele adivinha?

— Diz que Rosinha conta tudo pra ele.

— Quem diabo é Rosinha?

— Uai, dotô, o nome de batismo da canoa dele!

— E a senhora acredita que a canoa possa saber de tudo?

— Sei não, dotô. Mais a gente vê tantas coisa extravagante por esses gerais afora...

— E como é que a canoa pode saber?

— Cunversano cos pexe, cos boto, cas pirarara, cas corvina, cos jaburu...

O doutor sorriu. Pelo jeito não era só Zé Orocó quem estava louco, não. Enfim, aquela gente era tão simples...

— Chegô, dotô.

— Quem?

— Giribel.

O doutor olhou o negrinho, que sorria brancamente.

— Cadê aquele outro, o Coró?

— Coró saiu menhãzinha pra pastoreá uma vaca parida c'o Chico do Adeus.

— Vamos.

— A canoa 'tá lá no ôtro porto de cima — apontou Giribel.

Atravessaram pela frente dos ranchos. Todo mundo vivia sua santa vida sem mesmo prestar atenção no que o doutor fazia; já se haviam acostumado com sua figura corada e grandona.

— 'Tá veno, dotô, aquele trierinho que sobe perto do pé de simbaíba?

O médico dirigiu seu olhar para onde apontava o menino.

— Puis aquela cabecinha de rancho que a gente avista, lá longe, é do rancho de Zé Orocó.

— Quem toma conta do rancho quando ele viaja?

— Ninguém não. A num sê argum índio que venha de passage e quêra posá lá. Ninguém mexe nas coisa de Zé Orocó, praque ele nunca nega nada pra quem percise.

O doutor teve uma ideia:

— Ei! Giribel, você conhece a canoa de Zé Orocó?

— Cunheço, sim; é a Rosinha...

— Como foi que ele arranjou a canoa?

— Um índio 'tava morreno, deu pra ele de graça. Um veinho chamado Curumaré.

— Você já viu Zé Orocó conversando com ela?

Giribel encarou o doutor com os olhos arregalados; de tão arregalados deixavam ver, sobressaindo, o branco dos cantos. Tremeu os beiços.

— Óie, dotô, meu pai num qué que a gente fale nem nisso.

— Mas por que esse medo todo de uma simples canoinha?

— Ela é maluda. Tem *influência* de Lateni.

Lá estava ele de novo ouvindo o pessoal falar de coisas que não entendia.

— Quem diabo é Lateni?

— É isso mermo que o sinhô 'tá dizem.

Persignou-se depressa e beijou a ponta dos dedos.

— Então Lateni é o diabo?

Giribel baixou a cabeça e falou, como se não o quisesse:

— Lateni é o deus-bicho do mar dos índios carajá...

Vendo que não conseguia descobrir nada, o doutor caminhou em silêncio, fumando. Tinham deixado agora o terreno dos brancos e pisavam a parte dos índios. Choças malfeitas e desalinhadas... e não eram em grande número. Tudo vazio. Somente numa delas deparou com uma velhinha sentada no chão, com os dedos nodosos trançando a palha de uma esteira. Fazia aquilo com certa agilidade, sem reparar em mais nada. O cachimbo na boca, apagado. E só os dedos desfiando e cruzando as fibras.

— Nessa época, cabô a chuva, desceu o rio, tudo que é raça de índio vai morá na praia, morá no sor. Cunhãzinha e ariore fica todo dia pulando drento d'água e saíno. 'Tá lá a canoa, dotô...

Giribel deslizou sorrindo pela barreira, olhando de certo modo gozado o jeitão pesado do doutor descer a barranca. Firmou a canoa para que o médico subisse. E quando viu o homem instalado na proa, deu um impulso e manejou o rio.

A canoa foi se afastando e o sol quente, amenizado por um vento que vinha da praia do outro lado, invadiu a embarcação.

Longe, os manguaris voavam em círculo, perscrutando o rio na faina da pesca. Giribel remava, todo convencido de si mesmo. Naquele momento era um homem com a importância de um homem e carregava na sua força e no seu infantil orgulho a pessoa mais importante que já vira na vida, depois do padre Serafim, que não aparecia por aquelas bandas havia mais de oito anos.

A canoa passou rente a uma moita de sarão e uns jacus-ciganos revoaram barulhentemente, indo pousar nas margens de um piquizeiro, rabanando as caudas lindas.

— Aquilo ninguém come, dotô. É seco que nem tísico. Bom mermo é pegá um e botá num anzor grande pra pegá jacaré de noite.

Chegaram à praia. Uns amontoados de palha, parecendo um rancho, achavam-se no meio da grande praia branca. O doutor franziu a testa meio aborrecido.

Giribel compreendeu e explicou:

— O sinhô inda num tinha vindo aqui? Coró nunca troxe o sinhô? Puis é a melhó das praia da gente.

O doutor parou, enfiando os pés na areia. Como se não quisesse caminhar.

— O sinhô 'tá pensano que tem índio lá? Tem não. Eles saíro bem na boca da madrugada pra pescá no Rio das Morte. Pode tomá seu banho que num tem ninguém, não.

O vento morno e gostoso soprava para longe qualquer espécie de mosquito que tentava se aproximar. A brisa rolava preguiçosa e brincalhona pela areia, para sair mais adiante, luzidia e rápida como se fosse uma ariranha. Giribel voltou depois nadando para perto da praia. Riu.

— Pode vim, dotô. Tem piranha não.

O doutor virou-se e começou a despir-se. Depois caminhou mais apressado para o rio. Giribel ficou observando o homem.

— O sinhô é mais cabeludo que guariba!

O doutor foi afundando, sentou-se no fundo do rio. Os pelos do peito ficaram boiando pra lá e pra cá na água caminhante.

Giribel pensou: «Pur isso é que ele num gosta de tomá banho perto de todo mundo.»

— Pur que é que o sinhô é ansim e índio é tão lisi-  
nho?...

O doutor riu, sem saber dar uma explicação ao menino.

— Isso é assim mesmo. É como gente que tem cor branca, gente que tem cor preta, ou mesmo gente como índio.

Apanhou o sabão e começou a ensaboar o corpo branco.

— Tome. Use também o sabonete.

Giribel apanhou-o e levou-o até as narinas. Cheirou comprida e gostosamente.

— Eta! Cumo é bom a gente sê rico! Podê usá coisa sempre cherosa ansim!

Fechou os olhos de tanto prazer. Depois foi passando o sabonete no corpo inteiro, da mesma forma que fazia o doutor.

— Você gosta? Quando eu for embora, deixarei um pra você. Tenho muitos.

— É tão cheroso que dá vontade de cumê... Fais inté dó a gente tê que mergulhá e perdê tod'essa escuma...

Riram os dois e mergulharam ao mesmo tempo.

Depois se sentaram na praia, para secar.

— Giribel!

O negrinho prestou atenção.

— Madrinha Flor é casada com alguém daqui?

— Não, sinhô.

— Mas ela não teve um filho com Zé Orocó?


— Isso já fais tempo. Agora... — Riu, cheio de sem-vergonhice.

— Agora o quê?

Giribel piscou os olhos:

— Antigamente ela casô muitas veis. Mais agora... fais é tempo que ela num se casa...

O doutor apanhou a toalha, sorriu e olhou a tarde que puxava a noite pelas mangas.



Neste hino ao amor e ao respeito pela natureza,  
seguimos o percurso de Zé Orocó pelas águas  
do rio Araguaia, envolvido em histórias fantásticas  
e lendas que ele vai recontando a Rosinha,  
a sua preciosa canoa.

Mas Zé Orocó é arrancado a este mundo de emoção  
e sensibilidade, onde quem manda é a mãe natureza.

Acusado de loucura por falar com a sua canoa,  
é internado injustamente num hospício.  
Quando finalmente é «curado», este homem simples  
mas incompreendido pela sociedade não irá desistir  
de voltar a abraçar as coisas mais simples  
e verdadeiras da vida.

Uma história profundamente bela e comovente,  
contada com a mestria reconhecida de José Mauro  
de Vasconcelos, vencedor do Prémio Jabuti  
de Romance, o mais importante  
prémio literário brasileiro.



Vê o vídeo de  
apresentação  
deste livro.

[www.booksmile.pt](http://www.booksmile.pt)

  
livros que saltam à vista

www.booksmile.pt

ISBN 978-989-8491-86-2

11+



9 789898 491862

Literatura Juvenil